



Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GALATO
PAÇO DE SOUSA
Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GALATO—Tel. 5 Cete

Director e Editor
PADRE AMÉRICO
Vales do Correio para CETR

AVENÇA

29 de Abril de 1950



Gaiacit



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII — N.º 161
PREÇO 1500

CARTA DO BRASIL



CHEGOU a hora de largarmos a magnífica estância de Fonte Sonia, aonde estivemos uns dias, Zé Eduardo mais eu, regalados. Como já tive ocasião de informar em cartas anteriores, o dono daquele estabelecimento de repouso, não abre as portas a quem quer. Ele reside em S. Paulo; tem uma governante no hotel, mas ela não recebe ninguém sem o visto do seu amo.

Nos poucos dias que ali estivemos, notava-se uma disciplina caseira e amorosa. A senhora D. Maria fechava as luzes às dez horas e os hóspedes ficavam às escuras, mas contentes.

Uma noite em que alguns estudantes e Zé Eduardo quizeram ficar até mais tarde, pediram licença. Soube que muitas e muitas das melhores famílias brasileiras procuram aquele lugar justamente por causa de tais *Esquisitices*. Ainda bem.

O dono de tudo aquilo, como aqui foi dito em cartas anteriores, é um português de Trás-os-Montes cheio de vida e de decisão. É um homem independente, amigo dos bons princípios e não torce. Conserva alas de quartos fechados com mobílias riquíssimas e camas feitas. Disse-me que antes quer assim, de preferência a abri-las à mulher moderna. Mulher de calças e de cigarros; distinto macaquear!

Nunca a mulher é tão inútil como quando voluntariamente se desvia da sua natural glória; Mãe!

Era noite quando tomamos o comboio na estação de Valinhos, e por altas horas, chegamos a S. Paulo. O avião que nos havia de transportar ao Rio, estava para as 9 horas, mas só largou duas depois. Como aquela manhã tivesse sido de nevoeiro, segue-se que todo o movimento sofreu. Era um mar de gente à espera; um mar de aviões também. Altos falantes, começam a chamar, apenas o tempo descobre. São nove horas. Muitas unidades deveriam ter partido às sete e começam a fazê-lo agora.

Eu estava na multidão. Topel um caixote vazio e sentei-me em cima dele a fazer a minha oração da manhã. Havia assunto: o turbilhão, idades, cores, destinos,—e o drama interior de cada um... A alma é espiritual. É independente. Domina. Mesmo em cima de um caixote e no meio de muita gente, ela pode mergulhar no Eterno!

Chegou a hora de o empregado chamar pelo nosso grupo e indicou o sítio da nave. Caminhamos largos minutos, pelo meio de infinitas naves, num campo em construção. Sim, digo bem; em construção. O campo primitivo foi grande, mas agora é pequeno. Dito deste campo, dito das ruas e das avenidas e dos bairros e das vilas e de tudo. Todo o Brasil é um mundo em construção.

Nas cidades do Rio e S. Paulo, ninguém vê senão buracos e taipais; são ruas novas, são bairros novos, são avenidas novas—um mundo em construção. O grande, depressa se faz pequeno.

O avião gasta uma hora e quê dos Paulistas aos Cariocas por sobre o inenarrável. Passamos rentinhos ao Pão de Açúcar. Contam-se as janelas das moradias de Bota-Fogo. Vê-se a espuma do Guanabara. Aterrámos. Era meio-dia. Estávamos na hora e fomos comer, Zé Eduardo mais eu, à Farmácia Granada. Ali é Portugal. Quem estiver à hora rilha. Rilhamos lá muitas vezes e bem.



A expedição do famoso. Não se imagina o que isto é! Dá muito que ver e muito que falar. Um ou dois chegavam, sim, mas eles são como as formigas a carrear.

O carro nem se vê, de tantos que o puxam! Vão lá por três vezes. São dois quilómetros esticados da aldeia ós C. T. T. A senhora pinta a manta quando eles se demoram no caminho. E' que não está afeita. Ela havia de ver o que nós aqui pintamos, para eles irem de pressa!

A Nossa Tipografia

COM o trabalho das quinze mil pastas para a Comissão da Queima das Fitas dos estudantes, a tipografia perdeu um nadinha daquele ar grave que sempre tem e chegou a entrar em balbúrdia. Sim; balbúrdia. O Júlio soltou ali dentro uma grande dúzia dos nossos mais espertos com a missão de cortar e colar fitas. Ora as fitas eram amarelas e rochas e azuis e tejoblo, consoante as faculdades. Estas cores coincidem com alguns dos clubes de que os rapazes mais gostam, que também são as suas faculdades e aqui temos a origem dos sarilhos... Mas não houve sangue e as quinze mil pastas fizeram-se; um trabalho primoroso.

Mais sete filhos a cem e os restantes tresentos pelos pais. Assim fala a cidade do Porto. Vai a procissão mais enriquecida com esta família inteira; oh riqueza!

E treze empregadas da contabilidade da Companhia dos Telefones; também se querem incorporar. São treze delas. O seu dinheiro teve necessariamente de ser esmagado e tirado às coisas que lhe são precisas, quem sabe se ao seu sustento! A nossa tipografia é um pulpito de onde se prega ao mundo a eloquência do heroísmo. Não são *Os Grandes*; esses não resolvem coisa nenhuma. São *Os Pequenos*; treze empregadas dão 100\$00. Mais o Doutor Zéquina, pela segunda vez. E a quarta prestação; *tenho ordenado pequeno e vivo dele*. Os Pequenos! Mais meia dose, de Coimbra. Mais uma na marca "A Bem da Nação". A carta prossegue e diz que *amais este termo foi tam bem empregue*. Estou admirado! Mais meia dose. E uma prestação de

Lisboa; *sou paráltica e vivo de pequenos donativos de pessoas amigas, pois não tenho família*. Oxalá esta procissão não recolha tão cedo, para bem de nós. E' preciso que as almas falem; que mostrem a sua grandeza e que haja no mundo um porta-voz fiel a transmitir. E Lisboa na marca. E Angola, com meia dose. E Coimbra; *sou um operário que mal ganha para o seu sustento e da família*. E a vila de Manica também anda por aqui. E' um verificador das alfandegas, que além de se incorporar também pergunta pela sorte do *chorado torno para o rapas*. O torno só irá com uma procissão; uma procissãozinha. Agora não, que anda fora a da tipografia, mas apenas ela recolha sai a do torno. E Castelo Branco com meia dose. E um de Lamego a valer por dois; *para compra de tipo em que na nossa tipografia se possa escrever agora e sempre a palavra «AMOR»*. Assim se prega o Evangelho. Deus é amor. E 100\$00 da Sobreira. E o mesmo de Castelo de Paiva. E o mesmo de Febres.

E mais cem de Algures. E um Missionário de Macau que actualmente reside em Freixo de Espada à Cinta vai na procissão a ocupar o lugar de dois. E uma vicentina de Lisboa com cem escudos e uma linda carta, parte da qual eu faço aqui aberta. Gosto muito do que ela diz.

Quero também incorporar nessa procissão e para isso lhe envio 100\$00 para a nossa tipografia. E esta pequenina dádiva parte dum donativo oferecido em troca dum favor e dum sacrificio. Todo o resto já foi, graças a Deus, distribuído pelos meus irmãos

(Continua na 2.ª pág.)

A NOSSA TIPOGRAFIA

(Continuação da 1.ª pág.)

pobrezinhos, pois só o dar felicidade aos outros me enche a vida e me faz também feliz.

Quis um dia entregar-me por completo ao serviço dos outros pelo amor de Deus dentro duma comunidade, mas sai. Agora o seu viver e a sua obra satisfazem-me por completo na minha ânsia de viver o mais possível o Evangelho de Jesus.

Não me parecem necessárias obras novas para a educação das crianças abandonadas; bastava que as já existentes se transformassem e se reorganizassem seguindo as normas das «Casas do Gaiato» e tudo ficaria resolvido. Mas parece-me mais fácil virar cá fora o mundo todo do que virar as ideias dos superiores dessas casas com um método novo que não seja o deles.

E um grupo de três, cada um na marca; o dinheiro foi ganho pelo meu noivo em Angola. Muito se espera deste casamento. E alguém de Lisboa que chama irmãos aos nossos rapazes e numa carta muito extensa conta a sua história; a história de muitos e de muitas, hoje colocados na vida a olharem e a fazerem sua esta obra de rapazes abandonados. São mui frequentes cartas desta natureza. São almas a desabafar. Esta pessoa lembra-se como, quando e aonde a sua mãe a deixou; eu tinha cinco anos e ela disse-me que esperasse um bocadinho e nunca mais voltou. Não falta hoje nada, materialmente, ao autor desta carta; tem tudo quanto precisa, mas não teve a mãe quanto dela precisava. O maior castigo que Deus lhe deu, padre, foi eu tê-la aborrecido quando ela, mais tarde, me quis. E' na verdade um castigo de Deus. E' uma sanção eterna.

Antes 329.500\$00
Agora 2.850\$00
332.350\$00

Como todos os nossos leitores sabem a tabuada, aqui ficam os algarismos e não é preciso mais nada para se saber que vamos muito e muito devagarinho. E' uma procissão.

Pelo ultimo «senso da população» vejo que faltam ainda 195 contos para saldar a Tipografia.

Para resolver tal problema houve «matemático» que apresentou a fórmula: 5.000x100\$00=500.000\$00.

Depois veio outro que, sabendo que os pobres também são gente, auxiliou o primeiro com a fórmula: 5x20\$00=100\$.

Ambos têm aproveitado à causa; mas, como estamos ainda longe da «meta» desejada, aqui vai outra fórmula para ajudar a atingi-la: 20x5\$00=100\$.

Será a ajuda dos Anjos, dos Pequenos ou dos Bé-Bés de Portugal. São vinte prestações de Esc. 5.00 cada uma.

Que mais 1947 Bé-Bés ou Anjos me acompanhem a «voar» para Paço de Sousa e ficará paga a Nossa Tipografia. Valeu?

Aqui vão 1947 beijos para os que acompanharem o Alvaro António Bé-Bé nº.3, visto que já vão mais dois na «procissão».

Junto os Esc. 5\$00 da sua primeira prestação o

Bé Bé nº.3, que tem 25 meses de idade.

Como não há palavras que comentem, resolveu-se dar a esta carta posição de destaque, para que todos a vejam. Também da nossa aldeia vai um beijo para o Alvaro António; e mais um para cada um futuro Anjo.

AQUI, LISBOA! UM EMBAIXADOR

Quem visita esta Casa e se dá ao trabalho de perguntar a cada um dos nossos Rapazes o nome de sua terra natal, fica admirado ao ouvir nomes que vão do Minho ao Algarve.

Também nós nos admiramos. Mas se a Casa foi fundada para os garotos de Lisboa, então porque vêm outros ocupar o lugar destes?

E' que, ser de Lisboa, é ser de Portugal inteiro. E' assim com o primeiro homem da Nação e com o último dos vadios.

O artista que viaja por esse mundo de Cristo, só dá atenção aquilo em que ele descobre algum traço de beleza. O comerciante espreguiça todas as oportunidades de bom negócio. Um Padre da Rua, onde quer que tenha de peregrinar, não vê nem repara senão no lixo das ruas. Vêmo-lo em toda a parte; ele procura-nos. Já tenho parado debaixo do arco da Rua Augusta. Não se passam cinco minutos que não seja abarreado discretamente por um maltrapilho.

Meu senhor, vim há dias da província, não encontro trabalho nem comida. Valha-me por amor de Deus... tenho os meus filhos cheios de fome... Eu tenho voltas a dar nos arredores da Capital, encho-me de uma tristeza imensa ao deparar constantemente com caravanas mais ou menos numerosas a marchar sobre Lisboa.

Bem sabemos onde vão instalar-se. Nas furnas. Daí ao Limoeiro é um passo. E uma vez pragueado a fruto de tal árvore, fica-se logo a conhecer o bem e o mal. Universidade do crime—tenho ouvido chamar aqueles que, em pouco tempo, lá se doutoraram.

Eis a proveniência da maior parte dos nossos Rapazes. Vieram de Lisboa, mas não são de Lisboa.

Num destes dias de vigorosa invernia, apareceu à porta a pedir o calor do nosso fogão um dos muitos rapazes dos caminhos.

Trazia o fato encharcado, a cara e as mãos arrocheadas de frio.

Depois de alimentado e enxuto, veio a perguntar.

Mãe, perdera-a há seis anos. Saiu há dois da sua casa, da Guarda, na companhia do pai, uma irmã, um burro e um cão.

Assim correram 17 cidades. O burro foi o primeiro a ser aliado, de certo por causa da fome. A seguir foi o cão. Depois, o rapaz. O pai mandara-o esperar em certo sítio.

O corre mundo assim fez. Esperou três dias no sítio marcado e nunca mais o pai apareceu. Estava no limoeiro...

—E como é que vocês se governavam.

—Meu pai fazia versos; eu cantava-os e vendia-os.

—Versos, a quê?

—À indução, a S.^{to} António e a Lisboa.

—Ora cantá lá umas quadras!

Indução e bondade
São virtudes geniais
Com poder e magestade
E progressos colossais

Camões e nobre Lisboa
Fizeram belo contrato
Encher as almas de luz
E o estomago de pão barato.

Os versos não lhe encheram o estômago de pão barato; a nobre

Lisboa também lhe não satisfaz a ância de educação, foi por isso que aqui veio declarar, logo ao chegar, que desejava aprender a ler e um officio.

Hoje mesmo veio insistir comigo para que o deixe ser padeiro.

Quem sabe se um dia não será o corre-mundo a dar pão barato à nobre Lisboa, e luz às almas que, como a dele, suspiram pela luz da Educação e da Bondade?

Mais um outro caso.

Atravessava uma rua, há dias, quando ouço uma voz forte a chamar por mim.

Voltei-me e reconheci um ex-recluso do Limoeiro que aqui andou na canalização. Depois dum cumprimento banal, começa a pedir informações duma série de rapazes.

—Como vai o Jorge? e F.? e B.? Eu passava de tantos conhecimentos e não me tive que lhe não perguntasse donde lhe vinham.

—Um é meu primo; outro é filho dum colega lá do aljube, outro é visinho lá das barracas...

Não mais me esquece o encontro do pequenino Jorge com o pai, quando há tempos o levei à cadeia, a visitá-lo.

Passando por cima de muitas formalidades conseguimos entrar. Um guarda trouxe o criminoso ao fundo das escadas. Aí o esperava com o miudito de sete anos. Barba crescida, andar pesado, cabelos brancos pelos anos e pelos desgostos do velho pai de 70 anos abraça-se ao pequenino e cobre-o de beijos e de lágrimas. O Jorgito chora também ao ver o pai naquele estado.

Até os guardas deixam cair a viseira de aço para também limparem as lágrimas...

Ouvi dizer em tempos que não eram necessárias mais casas do Gaiato. Quem dera!

Mas não: enquanto houver furnas, e peregrinos a despovoar os campos e a marchar sobre as cidades, não faltarão limoeiros.

E tanto mais pesarão no orçamento do Estado, quanto menos verbas ali existirem para amparo dos pequeninos sem lar.

P. Adriano

O Nosso Jornal

TENHO pena de não ser poeta para fazer e cantar um hino ao nosso jornal. Que outros digam dele o que quizerem; eu cá levanto a minha voz mais alto.

Acabo de chegar da rua da Fonte Taurina, aonde soube, de viva voz, o serviço que «O Gaiato» tem prestado a uma doente que ali mora; este é o hino que eu desejaria cantar. Bati à porta e como ninguém respondesse, empurrei de mansinho. A morada é um portal que diz para a rua. Estava a doente. Estava sôzinha. O marido trabalha no rio. Está escalado. Tem semanas que não ganha; pouco trabalho e muitos trabalhadores. Os filhos andavam por lá. Que ninguém lhes leve a mal. A porta de uma casa não pode ser habitação de ninguém. A doente estava sôzinha. Nós já vivemos muito bem, disse-me ela. Poderia alguém supor, por esta declaração, estar em frente de uma família decaída,

(Continua na 3.ª pág.)

As anunciadas malas de comestíveis, chegaram por um passageiro do vapor Andes, tendo sido despachadas para a estação de Cete, portes pagos! Eu já tinha conhecimento de que elas vinham a caminho, mas não sabia quando nem cuidava que tão depressa haviam de chegar. Eram duas malas de camarote, fortes e arqueadas, com arroz, açúcar café e meia dúzia de maços de cigarros, para matar saudades ao Zé Eduardo. Dentro de uma delas, à flor, vinha uma carta dirigida ao Conferente da Alfandega. Ele não a leu. As malas não foram abertas. Assim foi melhor; vamos nós todos ler:

Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1950.

Snr. Conferente da Alfandega de Lisboa

Dizem que por muito que se fale da OBRA DA RUA, muito mais fica por dizer, e a mim, que não tenho cultura para expressar meu pensamento e o que me vai na alma por esse importantíssimo sector social realizado pela CASA DO GAIATO, limpo-me a lhe dizer que ela já atravessou aqueles «mares nunca dantes navegados» e rapidamente chegou à minha Pátria, o meu Brasil.

É bem possível que o meu irmão e desconhecido Amigo — se assim me permite trata-lo — tenha já por vezes acompanhado a «Procissão» dessa maravilhosa obra cristã, mas, se ainda o não fez, medite bem no que lhe vou pedir: Não se trata de faltar aos seus deveres, não... longe de mim tal pensamento que o pudesse comprometer; apenas para que, em favor desses pequeninos irmãos e filhos do mesmo Deus como nós, contribua com a sua benevolência ao desembaraçar estas malas. Os mantimentos que aqui vão, adquiridos por contribuição de Amigos portugueses e brasileiros, admiradores da CASA DO GAIATO, servirão para mais nos aproximarmos deles e levar-lhes a nossa confiança e, sobretudo, um pouco mais de felicidade.

Feche os olhos e por Deus lhe afirmo que, quando de novo os abrir, o Mundo lhe parecerá melhor e que nem só pedras encontrará nesta longa estrada da vida. Há muitas e muitas flôres na estrada... e como é fácil colhê-las...

Pelo que pudér fazer, fica-lhe eternamente reconhecido seu irmão perante Deus e na terra um Amigo.

BRASILEIRO

Brasileiro, é um embaixador. Ninguém mais do que ele ama a sua terra:—Minha Pátria, o meu Brasil. É portanto um embaixador qualificado.

Mas ele é mais. Não diz o que lhe mandam; não traz o discurso feito. Fala do que sente; do que conhece. Fala livremente, sem peias nem compromissos nem cálculos nem nada. Transcende. É universal.

Chama e toma por irmãos os que não conhece. É em Deus e por Deus que ele ama. Embaixador de Cristo!

DO QUE NOS NECESSITAMOS

Veio hoje à nossa aldeia uma mulher ainda nova, mas muito pobre e muito triste. Trazia um filho no ventre e deixara quatro em casa, à lareira, sem perigo de se queimarem; uma lareira sem lume! Ela trazia um grande desabaço para me dizer; não tinha comido arroz no dia de Páscoa. Nós hoje nem comemos arroz. Nem parece Páscoa de cristãos!

Arroz, não; nós às vezes também o não temos. Nós sofremos do mal dos pobres. Eu cuido que é uma glória participar da sua sorte para melhor os compreender e amar. Arroz, não, mas pão, sim. Pão de milho. Do milho que nos deram em Lisboa. Todas as semanas vai o nosso padeiro buscar à tulha quarenta razas dele, e quem olhar, parece que não falta nada na tulha. É este que nós damos aos pobres. Este é que é o responsável pelas contas de multiplicar. Tenho notícia de um Brasileiro que nos vai mandar arroz. Tão depressa ele chegue como esta mulher nova e triste há-de comer arroz. Será, então, a sua Páscoa, Páscoa de cristãos.

Mais de Viseu uma pancadaria de chancas. Mais de Lourenço Marques um pai de sapatos. Mais de Oliveira de Frades uma capa e batina. Mais de ao pé de Lisboa, idem: Esta capa e batina são de meu marido que, enquanto estudou, não namorou, tendo-se formado e doutorado com altas classificações. Pois claro. Pois já se vê. Tinha mesmo de ser assim. Altas classificações porque não namorou enquanto estudante. Capa e batina estão ao uso do Zé Eduardo. Ele estava em Jérias da Páscoa na aldeia, quando a encomenda postal aqui chegou. Mais roupas de Vila Nova de Ourém. Mais um saco de feijão colonial, do Porto. Mais uma pancada de amendoas do Espadanal. Zé Eduardo tem-me frito para eu abrir a caixa a ver como elas são. Diz ele que sendo a encomenda de quem é, devem ser muito finas; e diz mais e mais e mais. Mas eu também digo, e por ora a minha palavra é que vale. Não se abriu a caixa das amendoas. Mais 200\$ de uma promessa. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 100\$ para os pobres do Barredo. Ouvi contar que as Autoridades tinham descido ao Barredo; oxalá assim tenha acontecido. Ali é o nó. Ali é o terrível nó social. Também ouvi dizer que outras pessoas ali têm passado, levadas por aquilo que nós relatamos no famoso, e fogem espavoridas! Fugir, não. Fugir parece mal. Bater no peito, sim. Comer menos e poupar mais, sim. Nem o nó do Barredo é tão cego que se não possa desatar. É uma questão de preferência, e nada mais. Preferir esta a outras obras, por ser uma que serve imediatamente a vida dos humildes. Tão pouco no Barredo é tudo de destruir; há ali muita coisa que pode e deve ficar por amor da história e do bom gosto. Hoje mesmo foi o dia em que fiquei ali surpreendido, quando fui ao coração da Escarpa acompanhar o Zé da Lenha. Ele queria ir ver a sua mãe e nós fomos ambos. Ela mora no coração do Barredo. Ali é Portugal; o Portugal das alminhas, dos nichos de S.^{to} António, dos craveiros à janela, das sacadas de ferro batido, dos recantos e encantos. Ali é Portugal.

É questão de preferência. Que as Autoridades vão; que vão ver com os seus olhos e sentir com o

NOTA DA QUINZENA

VEIO dar aqui um rapaz dos seus onze, de bons costumes e fina compleição. Não é da marca. Está ocupando um lugar que lhe não pertence.

Há dias, recebeu-se carta do pároco da freguesia, falando d'ele— aqui na terra chamavam-lhe o santo Antoninho. Está ocupando um lugar que lhe não pertence.

Tenho pena de verificar que nas terras de onde ele veio, não haja aparecido uma família a livrá-lo da fome e a tomar conta. Sim, digo bem; livrá-lo da fome. Esta foi a razão que ele me deu, ao perguntar-lhe como tinha vindo até nós: era a fome. E chorava. O pequeno chorava com uns olhos azuis muito rasgados: Tinha dias sem comer. Se a lembrança do facto o fazia chorar, quanto não teria ele chorado pelos caminhos, nos dias que tinha sem comer, — quanto!

Triste posse! Tristes dias! As lágrimas da Creança podem ser veneno social...

Tomar conta, dizia eu. Uma família nas condições e em condição de o fazer.

O rapaz é um amor. Esta nota é também um apelo. Não se entrega à tóia. Não o posso fazer. Mas com uma carta abonatória, sim. Não é tanto pelo bem que se faz a este santo antoninho; melhor fará ele à família que se habilitar. É, sim, pela vaga que ele deixa a um outro que precise. A um dos da marca.

D'acordo. Pode muito bem acontecer que mais tarde o orfão desabroche numa ingratidão. Muitos o têm feito. Filhos de bons pais também o fazem. Mas o amor é mais forte. O amor combate. O amor vence tudo, mesmo que seja a força pungente das ingratidões. Não perde nada a família que o aceitar como seu, mesmo que o rapaz venha a perder tudo, por um possível acto de ingratidão.

Nós temos de comer muitas vezes o pão das dores. É o alimento necessário dos fortes. Ninguém faz nada de jeito sem aquele pão.

Pois bem. Com esta doutrina do Céu, lanço aqui o apelo.

Aqui há tempos, estive na aldeia um visitante e apaixonou-se por um

O Nosso Jornal

(Continuação da 2.^a pág.)

mas não. Aquele viver bem era de quando ela podia trabalhar. Ela diz bem. O trabalho é o índice. É o algarismo que segura a vida da família. Mas agora é doente. Esteve no Hospital e tornou a estar e tornou a estar... Aponta com as mãos tristes um monte de ervas secas que manda buscar ao monte e é com elas que hoje se trata: faço um cházinho daquilo

seu coração e tomar por carne de sua carne todos quantos ali habitam. O nó pode-se desatar. Mais 50\$. Mais duzentos de Tomar, oferecidos pelo 5.^o e 6.^o ano de Colégio Nuno Alvares. Mais 200\$ para os pobres do Barredo. Eram duas notas discretas e silenciosas e arrependidas, com cara de serem de alguém que come pouco e poupa muito.—para os pobres do Barredo. Mais 100\$ de Lourenço Marques: somos uns modestos funcionários, temos vinte anos de África, um filho a estudar, além de encargos de família.

Também em Lourenço Marques há sacrificados. Outra vez o Pessoal da Estação Central de Encomendas Postais 3.^o Sector.

dos nossos. Falou; andou com ele o dia inteiro. Era domingo. A tardinha, antes de se ir embora, também quis falar comigo. Escutei e auscultei. Que sim, disse. Traga uma carta abonatória. Dias depois, regressa o dito senhor com o documento. Enquanto o feliz rapaz se vestia de lavado, o senhor fala comigo, ao pé do seu carro modesto. Quem dera que ele me ame, disse. Este desejo é todo celeste. Esta doutrina não é dos homens; é do Pai Celeste. Quem dera que ele me ame! Um dos caminhos. Um abandonado. Um que pode muito bem vir a pagar amanhã carinho com ingratidão. Que importa? Aquele homem quer amar. Quer amar o que não presta. Este amor é mais forte do que a morte.

O carro modesto desapareceu na curva da avenida. Não era carro; era um ninho—quem dera que ele me ame. Um ninho! O Golgota é isto mesmo. O Golgota é o ninho perene do assombro. É a palavra de Deus crucificado.

Aquele senhor, moço, ainda, e modesto, não sabe o que disse. Não faz nenhuma ideia da extensão e da profundidade da sua palavra—quem dera que ele me ame. Não suspeita ele o bem que me fez a mim, peccador, levando-me daqui um que eu também queria amar; e deixei o ir para servir de alimento a um grande coração. Quem dera que ele me ame.

Mas isto é a linguagem dos cristãos pura, simples, libertada. Se parece uma coisa nova, é que nós andamos longe e esquecidos. Nós é que vamos por outros caminhos.

O senhor de quem nos ocupamos, enquanto esperava o rapaz, junto do seu carro modesto, aquele senhor, digo, ia falando do seu programa quanto ao novo pupilo: escola, trabalho, carta de motorista para aquele ou outro carro semelhante. É um programa de amor. É salvar amando. É o Evangelho integral. Nós é que andamos afastados e esquecidos, — infelizes!

E que pede ao seu pupilo este bom cristão, em troca de riscos e trabalhos; que pede ele? Quem dera que ele me ame! Eis.

e sinto-me aliviada. O remédio dos pobres! A medicina dos pobres! O Criador do céu e da terra dá às ervas a virtude de aliviar os Seus pobres. Bem menos vale a receita que os médicos costumam dar a muitos e muitos doentes, que chegam fora da porta e a primeira coisa que fazem é rasga-la. Nem hoje se fazem remédios baratos nas boticas. É tudo nos laboratórios. A doente da Fonte Taurina manda buscar ervas ao monte.

Vou-me aproximando do fim da visita e começa agora a razão de ser do subido preço que eu dou a este meu Jornal. Meu, digo bem. Sou eu. A mulher conta-me que ontem tivera a visita a de alguém que se informa nas visinhanças aonde morava uma doente, num portal de uma casa. Os vizinhos indicaram. A senhora atinou. Deixa ficar uma nota e promete voltar. A doente chorava de alegria ao contar-me. Diz que foi por um jornal que se soube. Que a senhora lhe dissera ter lido num jornal pequenino a notícia e que pelo jornal ali tinha ido.

Aquela senhora deve ter encontrado tudo como aqui foi dito, por isso mesmo prometeu voltar. Eu dei-lhe o sinal. Eu dou aqui o sinal a todos: o portal duma casa aonde tudo falta, tal como outra raem Belém...

VISITANTES

Agora sim. Durante seis anos, andaram ás aranhas, sem atinar com a casa do Gaiato, indo ter a outras terras, antes de dar com a nossa. Mas agora não. Agora apareceu um sinal mandado colocar superiormente. Lá está ele na encruzilhada das duas estradas. É uma placa de mármore, que diz Casa do Gaiato. Já se não enganam os senhores visitantes.

Não sei por que bulas, nem quem se interessou, mas estou contente com a indicação.

Nós continuamos com a porta aberta. Quem nos quiser estudar, venha antes à semana. Terá ocasião de ver trabalhadores em sua casa, cada um na sua obrigação e todos muito contentes. Quem não trabalha não come. E quem nos quiser simplesmente vêr, faça como tem feito; venha ao domingo. Também oferece seu interesse, por inédito, olhar em redor: é na mata, é nos campos, é nos jogos. Roupa domingueira, caras cheias, sorrisos. Tudo rapazes que andavam por lá...

UMA COMUNICAÇÃO

Os senhores não se esqueçam que o próximo dia 5 de Maio é o dia em que toda a gente deve ir ó Porto, e os que são do Porto, devem todos sair para a rua e assim juntinhos, tanto os de fora como os de dentro da cidade, devem andar prevenidos... É a Queima das Fitas. É o grande dia da Queima das Fitas, escolhido pela Comissão entre os da semana, para uma piedosa modalidade. Fazer Bem. Sabe tão bem fazer o Bem!

As sacas já estão prontas e a roupa de domingo também e os sessenta gaiatos do ano passado, estão suspirando pela hora. Que ninguém falte.

Outros sim no campo da Constituição. A nossa Linha vai-se ali aperpear contra um grupo do mesmo naipe. É no segundo domingo de Maio.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

UMA INICIATIVA— A iniciativa do Senhor José de Alcobia Administrador da companhia Inglesa de Seguros Assurance, foi coroada de êxito. Nós já tínhamos andado a colher «GOLOS» por muitas casas e repartições. Por toda a parte encontrávamos amigos da Casa do Gaiato. Foi ontem, Domingo, no Estádio Nacional que se viu toda a amizade que há pela «OBRA»

A Empresa Bucelence levou-nos ao Estádio de graça. E ramos 40 Rapazes contando com 11 que vieram da Casa do Gaiato de Miranda.

Quando terminou o desafio das reservas, isto é, momentos antes de começar o verdadeiro Benfica-Sporting, ouviu-se através do autofalante daquele magnífico Estádio, que o Sporting ia à cabeça com 219 «GOLOS». Nesta altura alguns sócios do Benfica tiraram as latas das mãos dos nossos rapazes e foram correr as bancadas. Até um Senhor foi buscar a Taça que estava em exposição na cabine sonora e foi pedir com ela. Foi assim que o BENFICA ganhou a «BELA TAÇA CASA DO GAIATO» Enquanto o Sporting meteu

(Continua na 4.^a pág.)

ISTO É A CASA DO GAIATO



EU mandei suspender. Mandei suspender o fabrico de bicicletas cá em casa. São de pau. É obra dos mais habilidosos, que as fazem nas suas horas de recreio. Estavam cinco delas já em pleno funcionamento e a sexta, era do Xan-Kai-Xeque. Era dêle e do Choninhas. Como tivessem tido conhecimento das minhas instruções, vieram os dois implorar; que os deixasse acabar a bicicleta. Que só faltavam duas peças. E disseram e disseram e disseram. Eu disse que sim. Temos actualmente seis bicicletas de pau a correr e a percorrer os cantos da nossa aldeia. Mas nenhuma delas serve para fazer as vezes de uma que se pediu aos Senhores de Sangalhos. Cá estamos á espera...



HOJE fiz um tribunal ao ar livre e dei uma grande sova num Batata. A Senhora trouxe-me ao sítio aonde ele havia esganado um pintainho e disse-me do seu justificado receio que outros Batatas fizessem o mesmo. Eu fiquei apavorado com a notícia e disse ó Norberto que fôsse procurar uma vara. Norberto chega daí a nada com uma vara muito pequenina. Mandei o por outra maior. Uma vara muito comprida disse. Ao ouvir esta minha ordem, o penticida de-

sata a berrar e a implorar e a dizer que nunca mais; isto tudo de mãos postas e lágrimas do tamanho de bogalhos. Mas eu não fiz caso. Era preciso castigar. Ali perto andavam mais ninhadas a catar bichos nos taludes, pintainhos muito contentes aos pés de suas mães. Havia o perigo de este repetir o acto e levar outros a fazerem o mesmo. Era preciso punir. Escarmentar. Tomei a vara e dei-lhe com ela no sim senhor até fazer fumo. Vamos a ver.

ZÉ Eduardo e Carlos Inácio estiveram aqui em Paço de Sousa durante as férias da Páscoa; foram-se hoje embora. Carlos Inácio não se queria ir sem eu lhe dar agora e prometer e continuar com uma pensão semelhante à do Zé Eduardo. Este, que estava ao pé, defende a causa do Carlos Inácio; que sim senhor, que ele também precisa, que em Coimbra se gasta muito dinheiro, que me fica mal a mim dar penas a um e trazer o outro depenado. E mais e mais e mais. Eu não prometi nada.

Quanto a capa e batina, pede-se aqui ós senhores e ás senhoras que não mandem mais. Elas têm chegado de todos os cantos. Temos pró Zé Eduardo e pró Carlos Inácio e pró Setubal. O Zé Eduardo é o mais feliz de todos; a capa dele tem uma peça bordada a retrós de muitas côres. Com a sua capa e batina de tamanha categoria, apanhou me ele aqui os necessários complementos, a saber: duas camisas brancas, alguns pares de meias pretas e um par de sapatos da mesma côr. Diz ele que agora é que vai ser.



SINTO muito pesar ao fazer a comunicação de que acaba de se levantar grande poeira no seio dos vendedores do jornal. Eles que até hoje andavam tão unidos e tão irmãos na venda, começam agora a não se darem bem! Estão divididos. Eu cuido que se trata de invejas. O Abel tem inveja do Presidente. O Abel veio ao meu escritório informar contra o Presidente. Além de outras circunstâncias, disse-me que ele ainda andava manco da creadela que tinha tido, e que já da outra vez tirara um sapato e andou a vender sapato sim sapato não. Saído que foi Abel, entra o Faisca a faiscar. Soubera da pequenina insfida e vem defender o Presidente, terminando por afirmar que o acusador tem mas é medo de perder a camisola amarela.

A seguir vem o Presidente, que também soube do que se estava passando. Este levanta o pé, mostra o sítio onde fôra a creadela, pede-me para eu apertar com força, com muita força. De novo coloca o pé no chão e dá quatro saltos ali na minha frente, para eu ficar inteirado. *O Abel tem mas é medo, disse.*

Ora muito me custa dar estas notícias. Eu gostaria que a nossa obra fôsse uma escola normal, sim, mas nem todas as normas são de aproveitar. Há no seio da obra os seus pontos fracos; a invejazinha!

UM senhor do Boavista prometeu que se este ganhasse ó *Oriental*, daria ó Zé d' Arouca 10 escudos. O mesmo senhor, por muito simpatisar com o pequeno vendedor, anda a ver se o *acaça*. Demos a palavra ao rapaz:—ele quer que eu seja do Boavista e que me tira o retrato e que me arranja o cartão e que depois ficaremos muito amigos. Mas o Zé é do *Sporting*. Era e é. Se já antes gostava, agora muito mais gosto do Zé d' Arouca. Pode quebrar por ser pequeno, mas não torce. Gosto assim.

Ele também está resolvido a entrar nos Telefones da Picaria. Já entrou d' esta vez no primeiro andar e arranjou uma cunha para subir aos mais andares na próxima venda. É um senhor doutor. Ele mostrou-me a carta. Trá-la na sua carteira. Mais me disse que mesmo sem cunha, uma senhora de lá lhe pedira 50 exemplares e lhe dera 80 escudos.

Aquilo promete! Se a cunha vier a pegar, adeus camisola amarela; nunca mais o Abel a torna a ver, a menos que ele descubra outra companhia de telefones.

CHEGARAM da venda o Faisca mai-lo Abel. Este informa que agora não têm licença de vender nos electricos, mas que um dos condutores lhe dissera para eu escrever ó senhor engenheiro dos electricos, que ele é muito bom e havia de deixar vender como dantes. O Faisca, porém, é d'outra opinião. *Dê catanada no jornal que nós não somos ardinás.* Foi assim que ele falou. Publico as duas versões, antagónicas como são. Vamos a ver.

Noticias da Casa do Gaiato de Lisboa

(Continuação da 3.ª pág.)

6.000 «GOLOS» os Benfiquistas meteram 18.000, só no Estádio!

Vieram «GOLOS» também de algumas terras do País. Quero destacar aqui a minha terra FIGUEIRA DA FOZ que foi quem mais mandou.

O resultado final foi este:

Sporting ... 18.336 golos-Viva o Sporting!
BENFICA ... 35.758 golos-Viva o Benfical!
TOTAL 27.047\$00

Viva todos os que nos ajudam!!

O nosso casal Agrícola com este dinheiro já vai ficar com telhado posto! ...

UMA FESTA—A padaria foi inaugurada na segunda-feira da Páscoa! Houve foguetes e todos foram comer um naco de PÃO quente logo que ele saiu do forno.

O Coroa é que ficou sendo o padeiro. Aqui há dias fizemos uma lista das profissões na qual cada Gaiato escrevia a sua. Só dois é que escolheram padeiro, mas, por sinal pequenitos. O Coroa não escolheu nenhuma, mas escreveu: primeiro quero ter juizo, depois é que escolho. Pois foi escolhido por ter juizo.

Já aqui no GAIATO foi contado um caso que se deu com ele alguns dias depois de cá estar; Vou repeti-lo: Veio cá um tio dele e disse-lhe: anda embora comigo, o rapaz ainda fresco deu a resposta acertada:—Enquanto eu andava a

dormir por baixo dos barcos e a passar fome ninguém me queria, mas agora que estou bem já me querem levar! E não foi.

O Coroa é um dos melhores vendedores do FAMOSO; tinha a seu cargo os correios da Rua da Palma, da Avenida Fontes Pereira de Melo e o C. Santos. Vendia sempre mais de 100 e quasi sempre 200\$00 era o dinheiro que trazia. Para vender tantos e arranjar tanto dinheiro, tinha de trabalhar muito e ao mesmo tempo portar-se bem. Ele esta quinzena foi pela última vez à venda e dá-nos a impressão que deixou saudades à freguesia que possuía. O Senhor Padre Adriano tinha-lhe dito para vir ter com ele a ENTRE-CAMPOS às 12 horas para seguir para aqui. A hora marcada lá estava uma senhora com ele a pedir ao Senhor Padre Adriano que o deixasse lá ficar até mais tarde para o recompensarem do bom comportamento, deram-lhe um almoço e no fim um bilhete que dizia assim: os nossos parabéns ao Coroa e felicidades à CASA DO GAIATO.

As Senhoras do Correio deram-lhe um abraço e compraram-lhe uns sapatos camisa, lenços, meias e algumas gravatas. Só uma gravata custou 50\$00.

OUTRA FESTA—Foi agora inaugurado o portão de ferro, o portão central. Foi a primeira obra que saiu da nossa oficina de serralharia. O mestre é dum dos arredores do Tojal. Há dias veio cá um estrangeiro que se fartou de o gabar

O Crónista—PEDRO JOÃO DE SA

Noticias da Casa de Miranda



NO dia 5 de Março tivemos mais um encontro de futebol entre os Gaiatos e o Académico Desportivo da Cumeada que saíram vencedores por 2—0 resultado feito na primeira parte, Perante reduzida assistência, isto é quase ninguém assistir ao desafio os grupos alinharam: Gaiatos. Zé Eduardo, Zé Carlos e Inácio, Carlos Alberto, Afonso e Joaquina, Ernesto, Alfredo Bucha Humberto e João Carlos. Académico: Vide Borges I e Borges II António Dias, Peneda e Fernandes, Julio Alípio Chico Raúl e Pinto. Árbitro Carlos M. dos júniores do União de Coimbra. A bola de saída pertence aos Gaiatos que nesta altura estão jogando contra o sol. O jogo prossegue, avançada dos Gaiatos que o defesa salva para meio do terreno. Iam decorrido 11 minutos quando o avançado centro adversário remata de cabeça à trave. Marca-se o primeiro livre de canto contra os Gaiatos que Ernesto consegue aliviar. Passados 20 minutos Carlos Alberto com um passe em profundidade passa para seu irmão que remata por cima da trave, perdendo assim uma oportunidade de golo. É Alfredo aos 25 minutos da primeira parte que marca a 1.ª. bola dos Gaiatos com um remate fraco e

colocado. Regista-se o segundo canto novamente contra os Gaiatos que o extremo direito Júlio para fora. Os Gaiatos aos 40 minutos da primeira parte obteem o 2.º. e último golo por intermédio de Carlos Alberto que nesta altura anda ao ataque. A primeira parte está prestes a terminar e o resultado de 2 0 mantém-se. Humberto apanha a bola, finta dois adversários e quando ia rematar recebe um chute violento na perna esquerda que o árbitro não vê. E assim terminou a primeira parte com os Gaiatos a vencer por 2 0. A segunda parte já começou. Nova avançada de Humberto a passar para Alfredo que remata para fora. A bola está nos pés de Raúl que imediatamente passa para a esquerda e Pinto não a apanha e a bola vai às mãos de Zé Eduardo. Aos 10 minutos da segunda parte Zé Eduardo defende um remate perigosissimo para as nossas redes. Havia 15 minutos de jogo quando se aponta um canto contra os visitantes que Zé Carlos remata, a bola fez tabela num defasa que salvou o seu grupo dum tento certo. O jogo continua animado. Alfredo apanha a bola e entrega a João Carlos, este despede um remate que o guarda-redes defende. O árbitro deu por terminado o desafio em que os Gaiatos venceram por 2-0. Houve algumas jogadas de interesse mas sem resultado. No nosso grupo todos jogaram bem principalmente Carlos Alberto.